

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 625 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 1\$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

O «Povo de Aveiro» continúa a ser vendido em Lisboa no kiosque do Terreiro do Paço.

AVEIRO

RATIFICANDO

Analysámos delidamente os chefes. Condensámos em quatro artigos successivos os erros, os crimes e os vícios que ha tres annos lhe vimos imputando. Fizemos-lhe a autopsia moral, scientifica, litteraria, politica, social, religiosa. Pelo lado moral, demonstrámos-lhe, com uma ou duas excepções, uns villões repugnantes, que descem aos meios mais abjectos e mais torpes para desacreditar os republicanos que não curvam a cabeça deante d'elles; uns villões que não param, com insigne covardia, no intento raivoso e d'lançado de caluniar os que não lhe subscreverem ás miserias e fraquezas. Pelo lado scientifico e litterario vimos-lhe uns nulos, sem erudição e sem talento. Pelo lado politico, social e religioso encontrámos-lhe uns imbecis ou uns perversos, transigindo com a monarchia que os ludibria, fugindo dos principios mais puros e das reivindicações mais generosas da democracia, especulando sem pudor com os preconceitos e absurdos populares. Hoje só nos resta dar a nossa opinião definitiva sobre o caminho a seguir.

No dia 28 de dezembro de 1884 escrevemos nós n'este lugar: «A união do partido republicano era uma grande necessidade n'estes instantes de certa gravidade. Mas ha tanto despeito cá dentro, tanta zanguinha de menino, que tememos que tal facto se não realice. Os chefes não querem ouvir verdades e nunca perdoam a quem lh'as disse um dia. E como o orgulho e a vaidade são mais conselheiros e pessimistas politicos, orgulho e vaidade afastarão dedicações heróicas, matarão vontades energicas, afrouxarão, indisciplinarão, darão com tudo em pantana.» E acrescentavamos em 29 de março

d'este anno: «Pelo que nos toca especialmente, a nós, os dissidentes d'um canto da provincia, só temos dois caminhos a seguir: — ou abandonar temporariamente a lucta, esperando melhores tempos, ou concorrer com as nossas poucas forças para que o partido se organice e entre no caminho que traçámos. O nosso temperamento, o nosso estudo, as nossas convicções levam-nos decididamente para a lucta.»

Depois d'isto, a situação agravou-se consideravelmente. As torpezas, as ambições ou as vaidades irritantes mais do que simples despeitos e zanguinhas de meninos, levarão o partido aos ultimos apuros. O orgulho, a vaidade e mais alguma cousa afastaram de facto dedicações heróicas, mataram vontades energicas, afrouxaram, indisciplinaram, deram quasi com tudo em pantana. O sr. Bordallo Pinheiro retirou-se n'uma hora de desgosto e não tornou a ser o caricaturista deruidor e violento. O sr. Silva Lisboa foi empurrado ou retrahiu-se voluntariamente. O sr. Oliveira Martins não supportou as cocegas d'uma ambição illimitada e foi-se embora para a monarchia. Emfim, os chefes do Porto, que se odeiam desde a origem do partido, investiram-se com furia a pretexto d'uma questão que mais os rebaixa que os eleva; e os de Lisboa, que já se odiavam antes do partido nascer, estão sempre de lanças cruzadas uns para os outros e se ainda não se arremeteram ao som da gargalhada publica, é porque a raiva commun a certos azorragues, um dos quaes é este mesmissimo periodico, os detem e os contem.

Para os homens sérios, trabalhadores e energicos, para todos os que amam a patria e a democracia e não só já para nós os dissidentes d'um canto da provincia, fica pois aberto um unico caminho: — ou abandonar a lucta temporariamente, esperando melhores tempos, ou concorrer com todas as suas forças para que o partido se organice e entre no caminho verdadeiro. Abandonar a lucta n'este instante pôde ser de resultados nefastissimos. Pelo menos não é o mais patriótico, nem o mais corajoso. Por conseguinte, segundo o nosso modo

de ver, resta um ultimo recurso: — empenhar todas as forças, toda a actividade e toda a energia, na constituição d'um grupo de governo, que se possa impôr ao paiz pela sua seriedade e que vá deslocando e repellindo esse conservantismo imbecil que para ainda sob o nome republicano. E' essa a nossa opinião convicta e tenaz, adquirida firmemente depois de centenas de desillusões e de algumas tentativas generosas de conciliação n'um campo digno e elevado.

Como nós, ha muitos desillusidos no paiz, desillusidos da capacidade dos poetas da politica democrata. Como nós, ha muitos individuos de convicções profundamente republicanas, puramente radicadas, sem transigencias nem fraquezas com todos os erros e vícios das velhas monarchias. Pois que se reúnem, que se aggreem e avante. Não precisamos de heróicos. Os heróicos deram sempre e em toda a parte o resultado que se vê. Basta-nos boa doutrina, bons principios, boa propaganda e boa conducta. O resto, que é o paiz, virá, tarde ou cedo pouco importa, com a demonstração categorica da verdade. E' n'isto que alguns outros pensarão e sobre isto fallaremos no primeiro momento adequado, que pôde estar bem perto. Entretanto, não cessaremos a nossa propaganda resoluta.

NO PORTO

As dissidencias entre os republicanos do Porto acirraram-se outra vez. As eminencias atacam-se a valer. E porquê? Porque umas queriam certos nomes para a colligação com os monarchicos; outras queriam outros. Mas no fundo todas queriam a colligação!!!

Aqui não ha, pois, uma questão de principios, ha uma questão de homens. De dissidencias de homens é a causa proxima da ruptura; de dissidencias de homens é a causa remotissima.

Convençam-se todos que nos costumam ler de que temos caradas de razão! E com o resto,

lá com as desordens d'elles, nada temos, nem para nada nos importa.

JULGADO POR SI PROPRIO

O sr. Alves Corrêa, discorrendo mansamente no *Seculo* n'outro dia, escreveu isto:

«Nós somos ingenuos, mas os correligionarios das *Novidades* são alguma coisa mais porque pertencem á categoria dos homens que nunca hesitam em sacrificar as suas opiniões individuais e a sua reputação em proveito das conveniencias do alto.»

Tambem o sr. não é ingenuo. Porque o sr. tambem sacrificou as suas opiniões individuais de livre pensador para ajoelhar aos pés do confessor antes de se casar. E assim como certos vadios nos perguntaram, sem razão, com que direito flagellavamos a sua fraqueza, assim agora nós lhe perguntámos com razão de sobra — com que direito, com que autoridade, condemnamos o sr. a incoherencia dos outros?

As conveniencias do alto, as conveniencias do alto! Bem julgado por si proprio!

ESPIONAGEM ALLEMA

Por serem gravissimas as affirmações que se vão ler, transcrevemos de *La España* o artigo que se segue. Todos os jornaes se estão occupando d'este assumpto, que é realmente d'uma importancia extraordinaria. As accusações de *La España* são feitas de forma que não deixam duvida a ninguem. Então, ou nós nos degradamos ao ultimo ponto, ou não podemos deixar de pedir contas severas aos traidores do governo.

Todos se recordam de que esteve ha meses no Tejo uma esquadra allemã, a maior que tem saído até hoje as aguas d'este rio. Esta esquadra demorou-se em Lisboa o tempo sufficiente para estudar as condições de defeza d'este porto e conseguiu saber coisas cuja importancia ignoram até os proprios ministros.

Brifaut, o espirituoso chronista de quasi todos os periodicos bem redigidos do seu tempo, prohibido pelos medicos de beber e assistindo á ceia dos seus amigos como Tantalos ao supplicio, foi o conviva que se ergueu e respondeu ao athleta britannico.

—Milord, eu estou fóra da fileira ha tres semanas, mas desde o momento em que se tracta da honra da França não hesito em empunhar as armas.

E voltando-se para o criado do café, accrescentou com um gesto de magestade titanica que fez enfiar todos os circunstantes:

—Doze garrafas de Champagne de primeira marca.

Ao fim da undecima garrafa o inglez obrigado pelas leis do combate a beber consecutivamente copo sobre copo, estava debaixo da mesa.

—A ultima das garrafas que restava da duzia — disse Brifaut — bebia-a eu só em desquite da derrota que soffremos em Waterloo.

Para aclarar o assumpto cumpre-nos dizer que occorria isto alguns dias antes do conflicto das Carolinas, esse extraordinario plano de campanha maritima que o chanceller de ferro ideou como obstaculo á crise economica e militar allemã, que o rei Guilherme fiz abortar por temer novas e perigosas aventuras.

Comprova o que vamos noticiar que a Allemanha conhece perfeitamente o estado de defeza militar da Peninsula. Não se limita a estudar a Hespanha, como se vê pelas ultimas noticias, em que um general allemão é surpreendido em flagrante delicto de espionagem, sendo por essa razão expulso. Vem até a Portugal averiguar a resistencia que pode encontrar n'este extremo da Peninsula. Ahí fica á apreciação da imprensa luso-hespanhola um facto que corrobora que a Allemanha se prepara para a lucta contra nós, isto é, contra esta parte da familia latina que occupa o extremo occidente da Europa e que até hoje tem andado em luctas intestinas, procurando deligentemente apartar a hegemonia a que aspiram e para que trabalham todos os grandes homens da França, Italia, Hespanha e Portugal, essas nacionalidades que tem realizado as civilizações dos ultimos seculos, e que os allemães e slayos pretendem reduzir a uma impotencia absoluta.

O que vamos referir prova como outros factos em que temos insistido, que a politica dos actuaes ministros portuguezes é uma politica de serranhos em que qualquer sultana assume decisiva influencia no animo dos que tudo mandam e dirigem. Vejamos nas linhas seguintes o que occorreu, para que todos deduzam qual é a respeitabilidade d'estes ministros que atraíam até o proprio paiz.

Na embocadura do Tejo está estabelecido um cordão de torpedos, cujo plano, direcção e guarda está apenas submettida á ordem unica e absoluta do ministerio da guerra, sendo completamente vedado aos officiaes commandantes d'aquelles postos e machinismos permittir a entrada e a inspecção d'elles a qualquer official estrangeiro.

Não obstante, quando estava no Tejo a esquadra allemã, apresentou-se um dia ao commandante do pessoal dos torpedos de serviço, um allemão vestido á paisana e fallando um pouco o portuguez, o hespanhol e o francez, pedindo-lhe que o acompanhasse na visita que desejava fazer aos postos de torpedos, mediante a ordem terminante e escripta que levava do ministerio da guerra.

Em vista d'esta ordem, o official portuguez, assombrado, obedeceu e conduziu o allemão ao exame de toda a bateria de torpedeiros, que elle estudou attentamente, tirando notas e tracando planos, isto é, ficou com o conhecimento completo da resistencia que o ditto rio pôde offerecer.

A este tempo já estava seguramente em execução a conquista das Philippinas, e o sr. de Bismark, que conhecia já a Hespanha, por intermedio do seu coronel de hulanos e sequazes, tratava de completar o estudo do restante territorio da Peninsula, por esta forma tão arteira, secundada por certo, não por um coronel de hulanos, mas por qual-

deville, onde por esse tempo se representava então com grande lucro d'elle a «Dame aux Camellias», era um dos membros da pleiade a cuja frente se achava Roger de Beauvoir.

Bouffé era exigentissimo em pontos de golodice, e ninguem conhecia como elle o prato especial de cada casa de pasto de Paris.

Conta-se que a primeira vez que elle jantou no «Moulin Rouge», o proprietario do estabelecimento, sabendo a casta d'hospede que lhe fazia a honra de se sentar ás suas mesas, promettendo-lhe a independencia com a sua protecção durante tres mezes, ostentou diante d'elle quantos acepipes possuia na copa e na cosinha.

Bouffé, depois d'elle ter concluido a vistosa exposicão dos seus pratos, fitou n'elle serenamente os olhos, e disse-lhe com a solemnidade dos prophetas, a cuja voz cahiam as cidades condemnadas:

RAMALHO ORTIGÃO.

(CONTINUA.)

FOLHETIM

JANTARES E JANTANTES

Uma das faces mais originaes de Roger de Beauvoir é a energia petulante com que elle accellou perante os que o conheciam o seu papel de marido atraído, papel que todavia continuará a ser ridiculo até o dia em que a sociedade reconhecer que a honra é uma propriedade como outra qualquer, e que, roubado esse patrimonio, o desprêso, como punição do delicto, deve cabir não no que soffreu, mas sim do que perpetou o roubo. Seria em verdade extranho que o marido roubado por sua mulher nos titulos das suas propriedades se contentasse com dizer-lhe ao encontrar vasia a sua gaveta: — «Como não tenho de comer vou pedir esmola, rogando-lhe previamente o obsequio de me pôr um

signal para que todos se riam de mim de porta em porta.»

E no entanto isto, que seria absurdo com o valor do dinheiro, é justamente o que se dá com o valor da honra.

No drama dos infertunios domesticos de Roger de Beauvoir a parte de victima coube ao amante e não ao marido. O depositario clandestino dos suspiros de madame de Beauvoir pagou a preferencia que teve sobre o proprietario legitimo com frequentes humilhações cada qual mais comica.

Ahi vai nma:

Um dia achando-se Roger com varios amigos no «Bois de Boulogne», passou por elles uma carroagem em que passava a senhora de Beauvoir ao lado do escravo dos seus encantos. Roger fazendo parar o trem com um signal que fez ao cocheiro e que valia uma esportula de cinco luizes, aproximou-se com um dos sujeitos que o acompanhavam, da portinhola da carroagem, e fez-lhe a seguinte apresentação: — «Madame de

Beauvoir, minha mulher; o sr. Fulano de tal, seu amante.»

O infeliz amator da esposa desprezada enguliu entre um côro de risadas a ultima das ternuras que se propunha expectorar aos pés da sua Heloisa de refugo.

E á narraçào de Villemessant, que ultimamente consignou algumas paginas interessantissimas á memoria ruidosa e irrequieta de Beauvoir e dos seus esforçados companheiros de mesa, que eu devo as importantes informações que lhes transmittio d'esses alegres e corajosos «viveurs» quasi todos fallecidos hoje em dolorosa aconia de fadiga e de tedio de uma existencia cavalheiresca, tão grande em rasgos de heroismo como em erros de mocidade.

Uma noite, diz Villemessant que, ceando elles em um café, se lhes apresentou, para se bater a vinho com qualquer d'ellos, um inglez, cujo nariz, segundo a expressiva phrase de Gavarni, denotava ter consumido rios de vinho para desfructar a côr que tinha.

quer príncipe de sangue alemão, que ordenara ao seu engalanado ministro a permissão da visita à nossa defeza marítima.

Estamos convencidos de que o ministro português, ao firmar tal ordem, não soube o que praticou, e que ella foi sollicitada por qualquer príncipe altamente collocado ou qualquer Messalina que gosava do favor d'uns e d'outros, e a cousa passou pela mesma fórma que os generaes de Napoleão III, em plena republica, como o caso Cissey, vendendo directamente por intermedio d'aquellas os planos de armamento e defeza da França à Prussia. Os Palikaos e Cisseys portuguezes não de ser conhecidos um dia quando a força das circumstancias assim o exigir. E' possível que tenham andado inconscientemente, facultando aos inimigos da paz europeia os planos de defeza da embocadura do Tejo, e n'este caso, fazemos o serviço de os prevenir.

Aqui tem as «Novidades» e a «Provincia» uma prova de que não conspiramos contra a ordem e o progresso d'este paiz, onde estamos estabelecidos ha 17 annos, como já dissemos. Se aqui a ordem for alterada um dia por uma invasão de qualquer individualidade ambiciosa, ou seja o imperador da Alemanha ou o seu pupilo, elevado a imperador da Iberia á custa do desmembramento dos povos d'esta peninsula, nós trabalharemos pela autonomia de Portugal, como republicanos federaes, pois que antepomos a todos os interesses, os nossos principios.

Mas como este assumpto é de um interesse capital e se relaciona com a politica geral da Europa, nós, conhecedores de um facto característico e que tem por certo outros muitos correlativos, julgamos do nosso dever fazer o publico tambem, para que ministeriaes e opposicionistas façam a maior luz possível sobre este assumpto gravissimo.

Temos a certeza de que as «Novidades» e a «Provincia» por esta vez não nos julgarão tão «criminosos» como pela publicação da carta do sr. Bocage, o «espiã d'alta cathedra», que nas trevas, abusando da sua auctoridade, conspirava contra uns pobres trabalhadores, a quem não restava outro recurso de defeza mais que o de fazer publica a infame perseguição sem causa, de que estiveram prestes a ser victimas.

A generosidade e talvez aos zelos de uma Lucrecia, devemos por certo o haver evitado uma iniquidade que, a ter-se effectuado, degradaria este paiz generoso e heroico, que ha tantos annos nos abriga e onde sempre temos encontrado favoravel e sympathica a opinião publica, todas as vezes que os governos pretendem ou conseguem agredir as nossas regalias.

Filhos da Revolução e portanto soldados de uma ideia generosa e invencivel, não vacillaremos nunca em dizer a verdade a fim de evitar males e perigos.

EM FRANÇA

Escreve com razão o excellente jornal *Le Petit Parisien*.

«No scrutinio de 4 de outubro, não se discutia a Republica nem a Realza. Os reaccionarios apresentavam-se mascarados deante do suffragio universal. Diziam-se *conservadores*, do que se deprehendia naturalmente que eram *conservadores das instituições estabelecidas*. Proclamavam bem alto que não eram revolucionarios, que não pensavam em nenhum attentado contra a forma de governo accete pelo paiz. Só fallavam em reparar as faltas dos opportunistas, declarando que o seu fim era impedir que a expedição de Tonkin degenerasse n'uma nova guerra do Mexico. Quem não teria applaudido este programma? Era o programma dos republicanos sinceros.

A Republica estava pois acima e fora do debate.

Mas os reaccionarios, desviados por um successo devido á hypocrisia dos seus manifestos, á dissimulação das suas profissões de fé, desmascararam-se de repente. Confessaram então que os dispendios com longuissimas aventuras, a diminuição dos impostos, a substituição d'uma politica má por uma boa, não era mais do que um pretexto, e que o seu unico fim era derribar a Republica.

A impudencia d'esta confissão produziu um estremecimento geral, indignou a França. Como! Ousava-se dizer que o paiz votara o restabelecimento d'um throno, d'esse throno que quatro vezes arremessou ao chão, em 1792, em 1830, em 1848 e em 1870! Como! Escrevia-se em certos jornaes que o povo consentira em deixar de ser soberano para se

tornar escravo! O ultrage excedia todos os limites. Como responder o povo?

Consultae os resultados dos scrutinios de desempate; ali achareis a resposta. Os republicanos eleitos por toda a parte; apenas meia duzia de reaccionarios.

Querei-la mais clara? A nação fallou. Affirmou com um entusiasmo e uma firmeza incontestaveis o seu affecto invencivel ás instituições democraticas. Com a sua voz soberana, gritou aos partidos monarchicos colligados:— *Viva a Republica.*»

As eleições de 4 e de 18 de outubro deram este resultado no continente: — republicanos 372; reaccionarios 202. Contando com os dez deputados das colonias, todos republicanos, eleva-se o numero d'estes a 382. Se attendermos ainda a que varios republicanos foram eleitos por dois circulos e que abandonam os mais seguros para tornar certa a eleição dos seus correligionarios, como Brisson, Maret, Clémenceau, Perin, Floquet e Paul Bert, e se attendermos ainda a varias eleições supplementares que se hão de realizar forçosamente n'estes primeiros mezes com triumpho para a democracia, teremos seguramente na nova camara 400 deputados republicanos pelo menos, ou uma maioria de 200 votos para a Republica. Já veem os monarchicos que são infundadas todas as suas gritarias, porque não ha perigo algum para o regimen porque a França actualmente se governa.

Parece que o sr. Edouard Lockroy, deputado radical eleito por Paris, vae tomar a iniciativa de uma grande reunião de todos os membros republicanos da nova camara. O fim d'essa reunião é procurar os meios de evitar que a maioria se divida em pequenos grupos que a enfraqueçam. Segundo o sr. Lockroy e os radicaes, devem-se debater e fixar n'essa reunião as questões a resolver em toda a legislatura, e não se fugirá do accordo estabelecido senão em casos imprevistos.

Os intentos dos radicaes são magnificos. Oxalá que os opportunistas lhe não levantem obstáculos! Mas ha de ser difficil, como diz Rochefort. Aparte a capacidade e mesmo as qualidades moraes, os nossos opportunistas dão em Portugal uma idéa approximada do que é essa raça europeia. Aparte a capacidade, porque a maioria dos nossos opportunistas nem para continuos serviam da nova camara franceza. Aparte as qualidades moraes, porque os opportunistas de França estão muito acima d'estes nossos em delicadeza de sentimentos.

Carta de Lisboa

30 de outubro.

A famosa questão das alfandegas principiou a *dar de si*. O ministerio está em crise e parece que d'esta não se salva. Explica-se o caso de varias formas, mas a mais accetavel e de maior versão é a que envolve o rei n'estas complicações. Diz-se que o sr. D. Luiz declarara ao sr. Fontes que o exercito estava descontente com a maneira porque se queria organizar a fiscalisação externa e que era melhor addiar esse triste arranjo do sr. Hintze para não aggravar, e por ventura fazer explodir, o descontentamento. O sr. Fontes respondeu que o descontentamento, se existia, era muito limitado e alcançava um pequeno numero de individuos. O rei replicou, com uma firmeza que lhe não é habitual, que o descontentamento lhe não parecia limitado mas geral e que não alcançava um ou outro official mas todo o exercito, e toda a armada. Acrescenta-se que declarara

mesmo ao sr. Fontes que lhe não levassem os decretos concedendo patentes militares aos caudoneiros, porque os não assignaria.

Não sei se isto é verdade ou se não é. E' possível que o seja, porque o rei, que já tem levantado contra si muitissimos elementos, não ha de querer hostilizar abertamente o exercito, que é hoje o seu unico recurso. Se os adeptos da Republica são poucos no exercito, nem por isso as adhesões monarchicas ahí são firmes e apaixonadas. O exercito vive n'um indifferentismo absoluto, á espera do pret de quinze em quinze dias e do soldo no fim do mez, sem se importar com monarchia nem com republica, sem quebrar lanças por ninguem. Mas ainda vae para onde o mandam. Ainda *serve a ordem*, sem entusiasmo sim, mas com obediencia. Ora passar d'este estado para outro de hostilidade ás instituições não é difficil. Basta que se leve por deante esse parto monstruoso do sr. Hintze e que se lhe siga outro escandalo, não já militar, mas nacional, um d'esses escandalos enormes em que o paiz é fertil. Se o rei não é *todo chupado* ha de ter visto isto tudo e não ha de querer perder essa obediencia passiva em que o exercito ainda vive para o lançar abertamente no campo da indignação e da revolta.

Seja como fór, ou se desse entre o rei e o sr. Fontes o dialogo referido, o certo é que o conselho de ministros se reuniu em dias successivos e debeteu a questão acaloradamente. O sr. Hintze negou-se abertamente a addiar os seus arranjos. O sr. Barjona, que tem por genro o general Microbio muito conhecido da praça de pret de cavallaria que desertou com os arreios do cavallo ou com o proprio cavallo, apoiou o sr. Hintze. Então o sr. Fontes declarou que o unico recurso para o ministerio sahir de difficuldades era demittir-se. Mas o sr. Pinheiro Chagas e o sr. Bocage, que sabem que não tornarão a ser ministros, gritaram que não se demittiriam nem por seis centos mil diabos e que só sahiriam dos ministerios em bocados, á força de dynamite. *Tableau!* Como os meninos não querem a demissão teve o pae Fontes de addiar a crise para a semana. Diz-se que será resolvida em dia de finados. Pois seja assim. Em dia de finados transmittirei ao *Povo de Aveiro* as novidades que houver, convencido desde já de que terei de lhe pedir um *padre nosso* e uma *ave maria* por alma do ministerio.

—A irritação da officialidade continua e portanto continua-se a fallar em revolta sem rebuço. Os *galões* vão adquirindo arrojio com a demora e está isto levado da breca. Eu costume ser verdadeiro e imparcial nas minhas informações e apreciações. Então acreditem os leitores no que eu lhes digo:— isto está feio; feio, muito feio. Já escrevi que não acreditava muito na resistencia do exercito. Mas para continuar a ser da ultima franqueza accrescentarei que—já acreditei menos. Ai que a corda d'esta vez é capaz de rebentar! *Viva la gracia* e adeante!...

—São aqui muito commentadas as desordens que rebentaram entre os republicanos do Porto. E vae ganhando terreno a convicção de que os chefes do partido deram com tudo em pantana! Burrinhos n'agua, burrinhos n'agua, como diz o povo. Nunca doam as mãos de quem lhe tem dado e continue a dar para baixo. E' esfregar as palmas e pegar no malho. Para baixo, para baixo!

E a proposito:— consta que o sr. Magalhães Lima *poz a preço* a cabeça dos redactores do *Povo de Aveiro*. O maldito do homem anda envinagrado. Consta que declara aos seus amigos que tudo perdoaria ao *Povo* menos chamar-lhe *nullo e vaidoso*. Nullo, elle!

Vaidoso, aquelle exemplar de modestia e isenção! Patetinha.

—Foi absolvido o famoso reu da rua Formosa, accusado de haver assassinado em tempo a propria irmã.

—Falla-se na morte proxima de um jornal muito conhecido.

—Tem estado em Lisboa o distincto capitão do porto de Caminha, o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, tido como um dos melhores officiaes da marinha portugueza.

—Houve hontem um descarrilamento importante. O comboio n.º 12, expresso de Hespanha, ao passar na ponte de Sever, que liga os dois paizes, foi de encontro á guarda da ponte, precipitando-se no rio, d'uma altura de trez metros. Por um acaso verdadeiramente excepcional, nenhum dos passageiros, não obstante serem poucos, morreu ou recebeu ferimentos graves. A causa do descarrilamento foi um cavallo que se atravessou na via.

Y.

Carta de Chaves

30 de outubro.

A padralhada continua furiosamente fuzendo... render o officio. Ha pouco, começaram umas «ladainhas», que — dizem — são feitas a favor do «prisioneiro do Vaticano», a fim de que as «algebras» se lhe façam pedaços. A «companhia» do celebre padre Manuel tem, com a maxima regularidade, feito os seus «exercicios» diarios e perpetuos.

E' uma santa gente!... E para prova, ahí vae um facto, que me foi narrado por testemunha ocular:

No dia 4 do passado, um tal reverendo Almeida dizia missa na povoação de Adães, d'este concelho. Chegado que foi, porém, ao meio do alfarrabio, sentiu-se picado pelo demonio do interesse, e, voltando-se para os *pacovios* que o aturavam, préga-lhes, com ares de mata-sete, uma tremenda descompostura por não lhe terem ainda levado a casa os respectivos alqueires de pão, almudes de vinho, etc., etc., o que produziu entre os fieis grande balburdia, sendo interrompido o acto.

Eis aqui um padre que tão digno se tornou de «figurar», na já respeitosa galeria de «anginhos», creada pela prestante *Semana de Loyola*, que me vejo forçado a apresentar-o a esta, esperando que seja bem recebido.

—Consta-me que chegaram a esta terra umas tres ou quatro... *irmãs de caridade*, e que se alojam no «convento das freiras», onde já só existe uma d'estas, com o fim de n'elle fundarem um collegio, um coio jeuitico qualquer, onde se fanatisem consciencias.

A ser isto verdadeiro, será bom que a auctoridade competente tome o facto na devida consideração e proceda segundo as prescripções das leis vigentes do paiz, escorraçando para longe esses abutres que, em forma de pombas, nos assaltam os lares, assasinando-nos a familia. E do contrario, isto é, fazendo as auctoridades vista grossa, não estranhem que o povo faça justiça por suas mãos, porque é elle e só elle o offendido.

Ora pois...

—Um cabo d'esquadra, de serviço no cordão sanitario, em Villaverde da Raia, matou, ha dias, um soldado seu companheiro, com um tiro d'espingarda, evadindo-se em seguida para Hespanha.

—Informam-me de que a rapariga, de quem o outro dia aqui fallei, tendo sido ultimamente melhor aconselhada, poude resistir ás suggestões maledivolas da canalla jezuitica, decidindo-se afinal a não ser... freira. Não terá, de certo, de que arrepende-se.

—Depois d'escriptas estas linhas, soube que as *irmãs*, a que acima me refiro, estiveram effe-

ctivamente n'esta localidade, mas que, não encontrando o convento em boas condições para realisarem já o seu designio, partiram para Braga (d'onde tinham vindo)— *até segunda ordem*.

Levaram consigo uma innocente menina, que vendeu até dois anneis d'ouro para... ficar sem elles e sem o seu valor.

Infames, simplesmente infames, estas corujas.

Ivo Telles.

COMMUNICADO

Calaval

Grande escandalo camarario-administrativo

Vamos dizel-o; é mais um, alem de muitos de que não trataremos agora. Os estimaveis leitores do *Seculo* em geral, e todos os que conhecem esta villa em especial, sabem que existe um largo ou praça, a que se chama —Largo da Feira, isto provavelmente porque se costumava ali fazer uma feira annual em 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição; este largo, ou praça, é considerado como o *Chiado cá da parvonia*. Pois srs, para este largo corre e sahe de um muro pertencente a C. J. Soares, uma lava putrida, fedorenta, nauseabunda, que já vem transmittir de outro visinho, por um buraco na sua parede, e que o primeiro tem obrigação de receber. Ora se tal molho fedorento fosse agua de Colonia que se pudesse aproveitar para uso das filhas que qualquer d'elles tem, estamos certos de que não a desperdiçavam, mas assim... *vade retro*, rua com ella, e lá vae aquillo correndo pelo buraco e estagnando n'um rigueiro que é um perfeito foco d'infeção! Um pouco mais alem está outro foco que sahe por buraco da casa do sr. José Augusto, de sorte que a diligencia que temos diaria, é ali que larga e recebe os passageiros; o mercado de todos os domingos, e que cada vez vae sendo mais sortido e mais concorrido, é ali que se effectua, e é n'este local que existem nada menos de dois pantanos! A' illustra camara pertence fazer o indispensavel caso para que desapareçam d'ali estes dois focos, e quando esta não o faça, como de facto acontece, é ao sr. administrador do concelho que incumbe instar com a camara para que o mande fazer. Não ha ninguem que não tenha censurado um tal desleixo, e aquelles que suppunham era *vista grossa* do administrador, este responderá, que estava cansado de haver reclamado isso da camara municipal e que já tinha dado parte ao sr. governador civil. Quem escreve estas linhas costuma passear, logo pela manhã, no dito largo, mas quando está gosando d'aquella *malinda* tão aromatizada, eis que apparece sempre um bando de patos marrecos que a passo acelerado vão caminho do pantano, e ali com as colheiras que a natureza lhes deu, mechem e remechem por tal fórma aquella massa liquida, que obriga o cidadão a levar a mão ao nariz para ver se assim modifica um pouco aquella fedorentina. Ora se este foco d'infeção proviesse de um republicano ahí sahia logo e *de cara*, o sr. administrador do concelho com as suas *partidas de leão* e... não lhe pertence a elle essa fiscalisação; não sr., é á sr.ª camara!

E isto faz-nos lembrar uma conversa que tivemos com um nosso amigo, o qual a proposito das cousas publicas estarem pódres, nos disse: olhe amigo, eu classifico o nosso paiz como um *chiqueiro*, e fiz-me *porco*, chafurdando-me n'elle, e eis-me apto para transgri com tudo e com todos os taes a que v. se refere!

O nosso visinho sr. E. N. Matos, até anda doente, e attribue o seu mau estar áquelles focos, com os quaes muito embirra!

Providencias, sr. administrador do concelho! Isto assim não pôde continuar! Nada de transigencias com tão grande prejuizo publico! Cumpra com os seus deveres, que para isso se lhe paga, e deixe-se d'acintes.

Veritas.

PARA RIR

Impenitente na tolice, feroz na calinada! A impassibilidade asna-tica d'este microcephalo está-se tornando um phenomeno physiologico digno de attenção e do maximo estudo.

Agora *deitou-se a trabalhos* militares e escreve um artigo *primoroso* sobre as offensas feitas ao exercito. Divide as offensas em tres cathogorias:— á *dignidade*, á *economia* e á *sciencia*. A primeira offensa feita ao exercito, segundo Calino, foi a *da dignidade*. Refere-se á questão das alfandegas. Ouçamo-lo:

«Em vez de se dar o primeiro logar ás praças de combate, ao nucleo de valor e saude, que é indispensavel garantia da nossa existencia na carta da Europa, recrutou-se um pessoal extravagante, de lavradôres, agentes eleitoraes e artifices, que pejam os pelotões da *guarda fiscal*.»

E eis o grande crime do governo, eis o attentado monstruoso. O grande crime do governo foi *recrutar a guarda fiscal nos lavradôres e artifices portuguezes*. Se em lugar de praticar tamanho attentado dêsse o primeiro lugar ás praças de combate, que não são *lavradôres nem artifices*, teria creado para si um pedestal de gloria!

Burra até ao fim! Mas que recrutamento arranjaria esta burra para o exercito? Tinhamos certa curiosidade em o saber.

«Todos os jornaes clamam, mas a voz ingente de Guttemberg perde-se no vacuo, como um susurro de cascata nas fragas d'um carcavão intonso.»

E assim termina, com estylo tão grandiloquo, a primeira parte das calinadas. Por conseguinte o negocio das alfandegas foi a primeira offensa feita ao exercito. E...

«Em seguida acabou-se na arma de infantaria com as *cooperativas* de consumo. Ficou o juizo a arder a quem dá 80 reis a um soldado, e creio que 600 reis a um alferes graduado (e assim tudo em proporção) e afinal lhes prohibe que administrem com entranhado e louvavel zelo o soldo exiguo, que recebem.»

Ora reparem na serie ininterrupta de parvoçadas e tolices que ahí ficam. Em primeiro logar a *offensa* ao exercito com a *guarda fiscal* ainda não está consummada. Está por ora em tentativas. Em segundo logar a dissolução das cooperativas foi anterior ao caso das alfandegas e não em *seguida* como diz o parvo. Em terceiro logar os soldados nada tinham com as cooperativas e se ficou a arder o juizo de quem dissolve aquellas instituições ficou reduzido a m... o de quem envolve os soldados nas cooperativas regimentaes. Em quarto e ultimo logar nem o soldado nem o alferes graduado teem soldo. Portanto vê-se que o Calino, agora como sempre, escreveu em cada palavra uma asneira.

E para completar a *segunda offensa* ao exercito, exclama:

«Foi tambem decretado o novo plano de uniformes. Julgo que os srs. officiaes ficam *irresistiveis*; os seus capotes e vivos, os seus alamares e plumas não de fazer grande estrago nos batalhões georgianos das bellezas nativas, mas na precipitação com que *tomaram esta medida* esqueceram-se de que a *peçunia* não tem elastério nenhum, é uma chapa de

metal, que não estica, e que a mutação de vestuario sem guarda roupa sortido pelo estado, faz-se á custa do caldo espartano do exercito, ou peor ainda pelos adeantamentos sorrateiros e traidores dos agiotas.»

E' ou não é estylo de Jayme? Não esqueça o *caldo espartano*. E' a centessima vez que falla n'esse caldo. O Manuel da Assumpção ficou notavel pelo *cavallo branco*. Este fica celebre pelo *caldo espartano*. Mas não se julgue que ha comparação possivel entre os dois. O outro está muito acima d'este.

Emfim a ultima offensa, a offensa da *sciencia*, é a da compra do armamento. Vão ouvindo:

«Os canhões Krupp pertencem á *historia*, e é ignorancia a compra anachronica e obsoleta que acaba de realisar-se. O canhão da moda, experimentado, mais agil e mais economico é o do coronel Bangé. Depois da recente exposição de Anvers, os canhões Krup (já não sabe se é com um p se é com dois) estão desacreditados, e enfileiram com vantagem só ao pé da espingarda do capitão mór de Faro ou da peça de Diu.»

Se este diabo não fosse garoto, não se explicava o seu atrevimento, nem a sua petulancia. Ouvii fallar no canhão Bange, realmente bom mas cuja superioridade ainda não está provada, e de ahí concluiu logo que os canhões do celebre fabricante allemão tinham passado á historia, e só podiam levar vantagem á espingarda do capitão mór de Faro ou á peça de Diu, com a mesma facilidade com que concluiria da excellencia da arma Gras, que a Martini-Henry ou a Mauser ou outra qualquer das adoptadas nos exercitos europeus não presta para nada. Calinada que está na altura da comparação d'uma espingarda com uma peça!

Repetimos. Está diabo é parvo, cretino, imbecil, tudo quanto ha em deficiencia cerebral. Mas ainda assim é de pasmar tanto dislate.

NOTICIARIO

Já regressou da praia da Figueira, o digno delegado do thesouro d'este districto, sr. Diniz Kopeck Severim de Souza Lobo.

E' hoje que o povo é chamado a eleger a maioria dos membros que compõem os corpos de administração municipal. Aqui não ha opposição, o que quer dizer que não teremos os espectaculos degradantes do suborno, da veniaga, da perfidia e do ataque á consciencia dos eleitores.

O voto é a prerogativa mais augusta do cidadão quando este sabe exercel-a com desassombro e com a consciencia do valor da sua opinião e da propria dignidade. Mas o que se desenrola por ahí nos tempos em que vae acceza a luta unicamente inspirada pela vaidade do predomínio ou por outros interesses pessoases, será tudo quanto quizerem, menos a expressão limpida e intemerata dos eleitores.

Felizmente pouparam-nos d'esta vez esse tedio pelo aviltamento de consciencias obtusas e corruptoras. A indifferença pela escolha dos nossos administradores é um symptoma de enervação e ignorancia, e o voto será sempre uma ironia emquanto o eleitor não tiver a comprehensão dos seus direitos e deveres.

N'este districto, em Ovar é onde a luta eleitoral traz os animos mais effervescentes. Receia-se até que seja alterada a ordem publica. A esta hora os contendores devem estar em guarda. E' tal o afan que a galopagem lá desenvolve que muitos eleitores teem andado ha oito dias na mais desbragada orgia de bebedeira,

que representa o preço do voto.

Muito triste, mas muito repugnante!

Em geral, as eleições n'este paiz são assim. A lista vae quasi sempre manchada com o vomito do bebedo.

Allumiae primeiro os espiritos, se quereis mudar d'espectaculo.

Partiu para Ovar um novo reforço de cavallaria a juntar-se ao destacamento que d'esta arma se acha allí ha tempo, afim de manter a ordem que pôde ser alterada em consequencia da luta renhida que se trava hoje n'aquella villa para a eleição municipal.

Quando se resolverá a camara a olhar seriamente para o estado material da cidade? Em vez de progredirmos, aproveitando os elementos topographicos que Aveiro possui, deixa-se que cada um edifique a seu bello prazer, sem que a camara se incommode com esse *vandalismo*.

Por desleixo quasi sempre, e muitas vezes por contemporisações e retribuições de galopagem eleitoral, tem-se construido por ahí edificios já completamente deslucados do alinhamento, já sem gosto symetrico e architectonico, sem nexo, dando em resultado que em lugar de mostrarmos aos forasteiros que não somos refractarios ao embelezamento material, se dá á cidade um aspecto de burgo pôdre, onde só predomina o egoismo.

Pelo caminho que a camara deixa seguir ás novas construcções urbanas, Aveiro retrocede vergonhosamente, e nunca chegará a ter arruamentos regulares.

O incremento que nos ultimos tempos se tem desenvolvido na construcção de casas devia inspirar ao senado a medida importante de remodelar sem transigencias a situação material da cidade, imprimindo-lhe a base para o progressivo embelezamento, sob um plano uniforme.

Não succede, porem, assim. Contemporisa-se levanamente, e Aveiro que já podia ter um aspecto de cidade moderna, vae-se tornando cada vez mais torta. E' lamentavel.

A companhia dramatica dirigida pelo actor Taveira dará nos proximos dias 5 e 7 no Theatro Aveirense dois espectaculos por assignatura, para os quaes se podem já tomar bilhetes no estabelecimento dos srs. Gamellas & Filho.

Pelos dramas que vão á scena, é de esperar enchente. E' prevenir por isso com tempo.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

No domingo chegou a esta cidade um pobre soldado do cordão sanitario tão gravemente enfermo que teve de ser transportado em maca da estação do caminho de ferro immediatamente para o hospital.

A um trabalho excessivo, junta-se na fronteira luso-hespanhola a insalubridade das povoações e muita falta de commodidades, e agora a intemperie glacial que em alguns pontos se manifesta aspera.

A charanga de cavallaria 10 que até aqui tocava no jardim publico á hora mais conveniente para a maioria dos habitantes, passou a tocar d'uma ás tres horas da tarde. Nada justifica esta mudança, e só representa uma preterição censuravel.

Esta hora é entre nós a mais impropria. Todos sabem que só depois das trez é que a grande maioria do publico, livre dos seus trabalhos, pôde affluir ao passeio. Mas quiz-se ser agradável á fina flor (?) da nossa sociedade, com manifesta desconsideração por quem, menos ocioso, só mais tarde pôde ir passeiar ao jardim.

Valha-nos... Deus com estas distincções tão mal cabidas. O elemento trabalhador incommoda o *dandismo* aveirense. De resto, foi só por isto que o facto nos surpreendeu.

Acabamos de ver um objecto d'arte sahido da ourivesaria Mourão, e que merece as honras de ser visto pela *élite* do bom gosto.

E' uma pasta para o quintanista de direito, nosso amigo e patricio José Elias de Oliveira Maio. E' de velludo carmezim, tendo aos cantos uns singelos, mas muito delicados ramos de prata fosca; á frente e ao centro a firma em monogramma e no reverso uma fita desdobrada com a era, tambem de prata.

Acostumados a vermos alguns trabalhos sahidos d'esta ourivesaria, não nos causou grande admiração esta obra que está bem em harmonia com o elevado conceito que de ha muito formámos do artista e do bom gosto que preside aos seus trabalhos. E se ainda não nos tivesse merecido essa reputação bastava-lhe este trabalho de que fallámos para ter jus aos nossos louvores e á nossa consideração. Todo o trabalho está muito correcto e é de uma nitidez inexcusable.

O desenho do monogramma é do nosso amigo e correligionario Francisco Antonio de Moura, que mais uma vez confirmou a merecida reputação d'artista amador, que de ha muito gosa entre nós; o desenho dos cantos é do nosso particular amigo João da Maia Romão, professor do lyceu.

Os nossos cordeaes parabens aos tres cooperadores de tão distincta obra, mas principalmente ao artista executor, o nosso amigo José Eduardo Mourão.

O celebre veterinario de Verdemilho continua com a bola destemperada sem que ninguem lhe peça contas dos seus actos *clinicos*. Só nos admira a singeleza dos povos confiando-se nas mãos de tão estrambotica creatura.

Ha dias ao applicar um laxante a um porco doente, rompeu os intestinos ao pobre animal que morria pouco tempo depois, e a ingenua camponea ainda teve de pagar ao intrujão. Ha até humanos que lhe confiam o tratamento das suas doencas, tendo-se dado incidentes graves.

Quem dará providencias?

Falleceu em Coimbra o sr. Manuel Teixeira, editor do conhecido repertorio *Borda d'Agua*. Era um dos mais antigos impressôres da imprensa da Universidade. O finado tinha algumas relações n'esta cidade. A sua pericia artistica foi utilizada por varias vezes na typographia do *Campeão das Provincias*.

O nosso collega A *Officina*, de Coimbra, órgão da classe artistica, elaborou uma lista camarária que submete hoje ao voto dos eleitores. E' ainda cedo para o triumpho, nem os nossos amigos teem essas veleidades. Não obstante, é um protesto contra os desregramentos municipaes, e um symptoma de vida e independencia que muito honra a classe artistica d'aquella cidade.

A lista sem exclusivismo de classe é composta de elementos que devem agradar aos eleitores.

Em Alverca, no districto da Guarda, grassa a variola com uma intensidade assustadora. Teem morrido umas cem creanças, sendo muitas as que teem ficado cegas.

Foi na segunda feira preso em Lisboa na estação dos caminhos de ferro de norte e leste, Manoel Gomes dos Santos, trabalhador, de 18 annos de idade e natural da Villa da Feira, por tentar embarcar para o Brazil usando de passaporte comprado pela quantia de 9 libras, na terra da sua na-

turalidade com o fim de se esquivar ao recrutamento.

Um photographo lisbonense conseguiu a maneira de reproduzir em louca quaesquer imagens photographicas. Em vez de laminas de vidro pôde empregar um prato na *camara escura*.

E' de valor a descoberta. Até hoje as photographias eram transportadas á penna para os artigos de ceramica. Ha na fabrica da Vista Alegre um d'esses artistas que allia á sua modestia uma habilidade prodigiosa. Copia as photographias, adaptando-as ás dimensões dos objectos em que deve reproduzil-as, com uma fidelidade inimitavel.

Refere um periodico d'Estarreja que um mariola que voltou da Africa de cumprir degredo, apresentou-se a uma mulher de Pardilhó, d'aquelle concelho, dizendo-se marido d'ella. E tanto lhe disse, tal copia de informaçôes lhe deu, que a pobre acreditou-o.

—Mas tu tinhas um dedo cortado,— objectou ella.

—Ora... cresceu, vê?

—Pois sim. Entretanto não eras coxo quando foste para o degredo.

—E' verdade! Ainda te não tinha dito que apanhei uma grande queda!

E... d'ahi uma nova lua de mel para a desgraçada, com todos os mil attractivos.

Elle que era previdente, foi cuidando no futuro. Quiz arranjar modo de vida e para isso começou a pedir dinheiro emprestado a uns e a outros, junctando uma somma razoavel.

Na segunda feira descobriram a auctoridade d'aquella freguezia que o *gajo* não era o tal marido da esposa e prendeu-o, remetendo-o á cadeia d'Estarreja.

Estão a concurso as seguintes cadeiras:

No concelho do Cartaxo, a cadeira primaria elemental do sexo masculino na freguezia da Ereira; ordenado 120\$000 e gratificação de 20\$000 pelo curso nocturno.

No concelho de Lanhoso, as cadeiras d'ensino elemental do sexo masculino nas freguezias de Ferreiros, Rendofinho, e Esperança, com o ordenado annual de 100\$000 reis.

Valpassos— Elemental do sexo masculino na freguezia de Carrazedo de Montenegro; ordenado 100\$000.

Maia— Elemental do sexo feminino na freguezia de Barreiros; ordenado 100\$000 reis.

Louzada— Elemental do sexo masculino na freguezia de Lustosa e elemental do sexo feminino na freguezia de Covas; ordenado de cada uma 100\$000.

Reguengos— Complementar do sexo masculino na séde do concelho; ordenado 180\$000.

Celorico da Beira— elemental, do sexo masculino, na freguezia de Linhares, ordenado da lei.

Sabugal— as de ensino elemental, para o sexo masculino, nas freguezias do Seixo de Cóa e Ruína, ordenado 100\$000 reis.

Santarem— elemental, do sexo masculino, na freguezia de Casével, e do sexo feminino, freguezia de Alcanede, ordenado 120\$000 reis cada uma.

A municipalidade de Barcelona vae estabelecer uma hospedaria economica, onde os operarios possam comer mais barato que em outra qualquer parte.

Louvavel.

Segundo a estatistica official, durante o mez de janeiro de 1885, o consumo dos vinhos de França em Inglaterra foi: em vinhos tintos, de 244:077 galões, contra 222:278 durante o periodo correspondente de 1884, isto é um augmento para 1885, de 24:799 galões; em vinhos brancos, de 87:774

galões, contra 111:585, isto é, uma diminuição para 1885, de 23:814 galões.

O consumo dos vinhos de Portugal segundo a Revue Vinicole de la Gironde, foi de 270:151 galões, contra 255:515 em 1884, isto é, um augmento de 14:608.

O dos vinhos de Hespanha foi de 486:062 galões, contra 391:793 em 1884, isto é, um augmento para 1885 de 94:269 galões.

A subscrição aberta nos Estados-Unidos para se construir um monumento á memoria do general Grant, até ás ultimas noticias, ascendia já a 68:659 libras sterlingas, ou sejam perto de reis 309:000:000.

Diferentes medicos inglezes attribuem ao tabaco a brevidade da existencia dos typographos.

E a Sociedade ingleza contra o abuso do fumo, da qual fazem parte alguns medicos, é da mesma opiniao.

Eis a resposta que aquella agremiação deu á pergunta que lhe

fôra feita:— por que é que o tabaco de fumo é mais prejudicial aos compositores de imprensa do que a outros operarios?

Os typographos morrem na proporção de mais d'um terço a mais do que os outros operarios, collocados nas condições ordinarias da vida.

Os maus effeitos ordinarios do tabaco de fumo combinam-se em pura perda do typographo com a cachexia plumbica, que resulta do manejo dos typos.

As mãos do typographo fumista estão constantemente absorvidas pelo trabalho.

Elle é obrigado, pois, a depôr frequentes vezes o cigarro, e por via de regra colloca-o sobre os caixotins, ou por cima das caixas, etc., que, como todos sabem, estão cobertas d'esse pó de chumbo impalpavel, que segundo todos os medicos hygienistas, é o primeiro agente da intoxicação saturnina; a parte humida do cigarro impregna-se d'esse veneno, que o typographo inconscientemente absorve.

BIBLIOPHIA

Os Fusilados d'Ariosa, pamphleto de guerra dedicado ao heroe dos acontecimentos d'Ariosa, por Alfredo Pereira.— E' um latego vibrado com mão de ferro no lombo do presidente municipal do Porto.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Revista de Medicina Dosimetrica. Recebemos o numero 19 do 3.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

A Rua d'Amargura.— Recebemos os fasciculos 9 e 10 d'aquelle romance, editado pela Bibliotheca do Cura d'Aldeia.

Todos os pedidos, a Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 215—Porto.

Os Miseraveis.— Sain á luz e recebemos o 7.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Hdefonso, 4 a 6 Porto.

Recebemos o fasciculo 50 das Mulheres de Bronze, expiendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

A Illustração Portuguesa.— Recebemos o n.º 15 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.— Recebemos o fasciculo 42 d'este romance.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 18— Lisboa.

THEATRO AVEIRENSE

Companhia dramatica sob a direcção do actor Taveira

Quinta feira 5

O drama em 5 actos e 6 quadros

KEAN

Domingo 7

O drama militar de grande espectáculo, em 1 prologo e 4 actos

UM MARTYR DA VICTORIA

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

PREVENÇÃO

João Simões Peixinho, tendo arrendado por escriptura publica ao sr. Fernando Estrella o usufructo da herança com que foi contemplado por sua fallecida irmã a sr.ª D. Maria d'Apresentação Estrella, previne por esta forma os arrendatarios ou foreiros respectivos de que só com o annunciante teem a entender-se, bem como se não contrate sobre as mesmas propriedades ou fóros com Maria Augusta Estrella, sob pena de ficarem sem effeito esses contratos.

Aveiro 3 de Outubro de 1885.

João Simões Peixinho.

Uma casa

VENDE-SE, sita na rua de St.º Antonio, n.º 50. Quem a pretender falle com Francisco Moita.

BOM TONEL

VENDE-SE um de madeira de cerne, tampos de castanho, arcaço de ferro e leva para cima de 60 almudes ou 1.200 litros.

Fallar com Manuel Tavares da Graça—Aveiro.

Rapaz para impressor

PRECISA-SE de um com urgencia. Na Loja do Povo se diz.

PRAIA DE ESPINHO

— RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 —

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

Simão Montelro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na fórma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Café Central

Praça do Commercio em Aveiro

ARRENDASE conjunctamente com os seus utensilios. A quem convier dirija-se á sua dona.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino: Em Aveiro, pharmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Deposito geral, Ipharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

GENEBRA SEM RIVAL

superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE C. G. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE EUGENE HUGUES.

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo e o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Hdefonso, 4 e 6—Porto.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como tres arreios de carro. N'esta redacção se diz.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debolis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as crianças ou pessoas muito debolis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

EXPLENDIDO!

JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex.ªs freguezas a visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e minioso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

XAROPE phelandrião composto de roza. POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica localmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anémicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OFFICINA DE CARPINTERIRO — RUA DE ALFANDEGA — (Baixos do hotel Cysne de Vouga) Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, laes como armazéns para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc. Todos os pedidos a Fernando Homem Christo

PHAETON

No hotel Cysne de Vouga ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER," AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO (Pegado a Caixa Economica)